



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

OS CONCEITOS ABSTRATOS E A PRÁTICA PEDAGÓGICA: O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DE ALUNOS SURDOS NAS AULAS DE GEOGRAFIA

Julio Cesar de França Dias; Lília Ferreira da Luz; Paulo Phillipe Alves Souza; Walquiria Pereira da Silva Dias, Teresa Cristina Lafontaine

*Universidade Federal do Maranhão, jc_geo14@hotmail.com
Faculdade Pitágoras do Maranhão, liliandaluz@hotmail.com
Instituto Florence de Ensino Superior, paulo-phillipe@hotmail.com
Universidade Federal do Maranhão, wal_ps10@hotmail.com
Universidade Federal do Maranhão, teresa_artur@hotmail.com*

Resumo: A inclusão de alunos surdos no ensino regular fomenta reflexões acerca da prática pedagógica e requer o conhecimento das peculiaridades da surdez por parte da comunidade escolar. Nesse sentido, esta proposta pretende mostrar algumas questões em evidência nas discussões atuais em Educação Especial, com ênfase no processo de ensino-aprendizagem de educandos surdos, especialmente com relação à apreensão dos conceitos abstratos, visando como resultado a abordagem geográfica dos alunos surdos. Para tanto, alguns pontos são assinalados: a formação de professores, o perfil dos discentes, os rendimentos e a relação linguagem e cognição. Discutem-se os resultados de pesquisas realizadas em salas de aula (prática pedagógica), os quais fazem inferência sobre a construção do conhecimento geográfico dos discentes surdos do Ensino Fundamental e Médio do Complexo Educacional Governador Edison Lobão – CEGEL, atualmente denominado CEJOL – Centro de Ensino João Francisco Lisboa.

Palavras-chave: Surdez, Pensamento, Linguagem, Formação de Conceitos, Abordagem Geográfica.

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo pretende desenvolver uma reflexão sobre a prática pedagógica junto à pessoa com surdez, relacionadas ao seu potencial cognitivo-geográfico, ou seja, a sua abordagem geográfica na sala de aula. O referencial teórico Vygotskyano é tomado inicialmente como baliza para a compreensão da inserção e desenvolvimento da pessoa com deficiência na sociedade.

A finalidade deste estudo é mostrar que o acesso tardio à escola e o atraso de linguagem afetam na abstração, na construção de conceitos e no desenvolvimento cognitivo do indivíduo surdo. Além disso, intui-se confirmar que os objetivos do ensino da Geografia devem coincidir com os propósitos desta disciplina sugeridos pelos Parâmetros Curriculares Nacionais e a eles agregar a experiência da sala de aula no intuito de tentar superar os problemas no que diz respeito à troca de conhecimentos desta e das demais Ciências Naturais.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Considerar-se-ão a pesquisa e os estudos realizados com os alunos e professores do Ensino Médio e Fundamental do Complexo Educacional Governador Edison Lobão – CEGEL, atualmente denominado Centro de Ensino João Francisco Lisboa - CEJOL, almejando uma maior aproximação dos educandos surdos com os conteúdos e com a comunidade escolar.

Todo o esforço aplicado no processo deste estudo consistiu, pois, em aproximações sucessivas do objeto que se busca conhecer, ou seja, os processos que ocorrem na relação cognitiva do discente surdo com conceitos geográficos e sua relação com as representações trazidas pelos discentes acerca desses mesmos conceitos.

Dessa forma, tenciona-se ampliar o conhecimento da prática de ensino de Geografia para alunos surdos e encontrar meios de superação das dificuldades que os professores têm no seu trabalho, especialmente nas questões voltadas à formação de conceitos. Salienta-se que este estudo responde aos anseios dos autores e é oriundo das inquietações emergidas de experiências vivenciadas em sala de aula.

2 METODOLOGIA

A pesquisa aqui descrita possui natureza quali-quantitativa e foi realizada junto aos alunos surdos, na faixa etária de dezoito a cinquenta anos, estudantes do Ensino Médio e Fundamental do Complexo Educacional Governador Edson Lobão – CEGEL, cuja nomenclatura foi alterada recentemente para Centro de Ensino João Francisco Lisboa – CEJOL.

Inicialmente seguimos a etapa dos estudos bibliográficos buscando aportes teóricos que embasassem esta investigação. Num segundo momento, foram aplicados questionários abertos com os discentes surdos e com os professores de geografia que acompanham estes alunos. De posse dos materiais e registros, seguiu-se a análise e tabulação dos dados, cujas discussões são aqui apresentadas.

Ressalva-se que, como parte do procedimento metodológico, insere-se a observação, permitida pela prática pedagógica dos autores do trabalho. Evidencia-se ainda que, num universo de 10 professores que trabalham no CEGEL-CEJOL nos turnos matutino e noturno, 80% foram entrevistados e dos 60 alunos das turmas do Ensino Médio e Fundamental, foram entrevistados 83%.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com os resultados obtidos, pode-se afirmar que o processo educacional não está circunscrito unicamente à razão, mas se deve centrar nas formas de interpretação e expressão da realidade destes discentes no que concerne à Geografia e/ou quaisquer outras disciplinas. Os professores entrevistados deram valiosas contribuições, pois muitos deles trabalham há alguns anos com a Educação Especial e conhecem alguns dos alunos desde criança. A seguir, as análises com seus respectivos gráficos.

3.1 Entrevista com as Professoras

Quanto à formação, 70% dos professores são formados em Pedagogia e 30% formados em outras áreas de conhecimento (Gráfico 1).



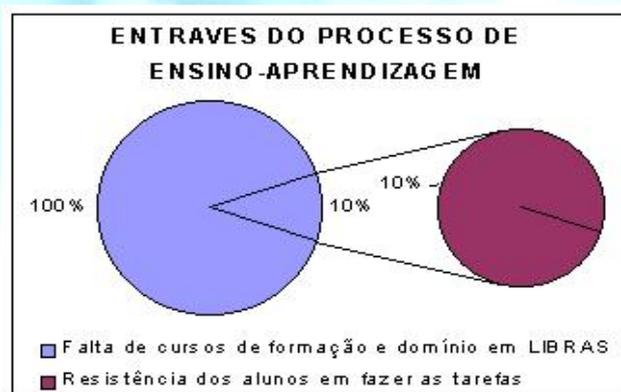
Através do questionário feito com os alunos constata-se o desnível série/idade. Quando questionadas o porquê desse desnível, 80% dos professores respondeu o motivo como sendo o ingresso tardio na escola e 20% considera que os alunos sofreram grandes perdas por terem sido vítimas do Método Oralista. Destaca-se que este método caracteriza-se pela exclusão das línguas de sinais da educação de surdos. A filosofia oralista persistiu em todo mundo até a década de 60 e propiciou uma queda na escolarização e nos rendimentos das pessoas com surdez.



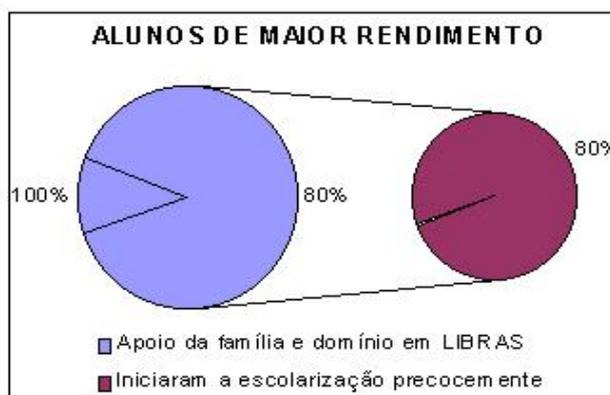
III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Referindo-se ao maior entrave no processo ensino-aprendizagem, os docentes foram unânimes em dizer que a dificuldade é o domínio da LIBRAS, dando ênfase à falta de cursos de formação e/ou capacitação por parte dos professores. A resistência dos alunos em fazer as tarefas também foi pontuada (Gráfico 2).



Solicitados a mencionar uma característica comum aos alunos de maior rendimento, todos afirmaram que os alunos de maior aproveitamento têm apoio da família e domínio em LIBRAS. Alguns reforçaram dizendo que os alunos rendem mais quando são escolarizados mais cedo (Gráfico 3).



Quanto aos alunos que não têm bom rendimento, 100% dos professores afirmou que esses alunos não possuem um bom domínio em LIBRAS e a família não participa da vida escolar dos discentes. Além disso, ressaltaram que os alunos que passaram pelo Método Oralista possuem baixo rendimento.

O que precisaria ser feito para que a educação dos surdos lograsse êxito foi outro questionamento e todos os professores apontaram para uma melhor capacitação de professores e também um acesso precoce dos alunos na escola, assinalando, também, a necessidade de um maior envolvimento familiar.



III CONEDU

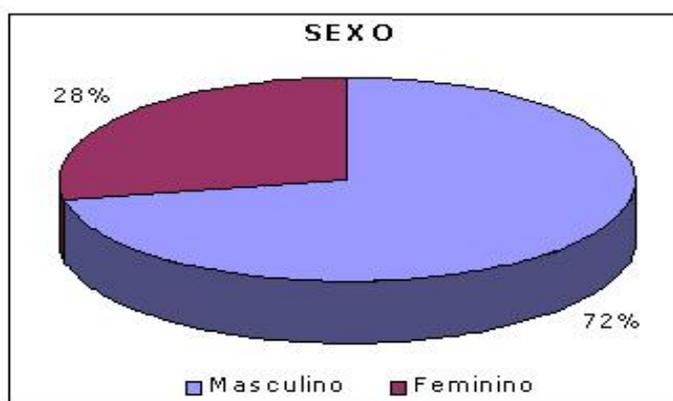
CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Perguntado aos professores se seus alunos tinham dificuldades em internalizar conceitos abstratos e na cognição em geral todos disseram que sim. Acerca do motivo, foram unânimes em afirmar que quanto mais tarde se dá o acesso à escola e à LIBRAS mais a cognição é afetada. Aludiram ainda que o pouco conhecimento em Português também compromete a abstração geral.

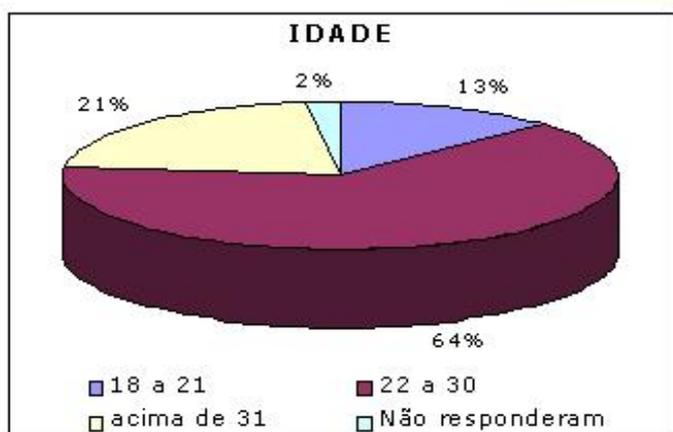
3.2 Entrevista com os alunos surdos

As perguntas iniciais dos questionários aplicados tinham como objetivo traçar um perfil do aluno surdo do Ensino Fundamental e Médio do CEGEL-CEJOL e as perguntas subjetivas intuíram constatar como está a abstração e a cognição desses alunos. O resultado encontrado mostrou que todos os alunos estão irregulares na relação série X idade (Gráfico 4).

Do total, 72% dos alunos são do sexo masculino e 28% do sexo feminino (Gráfico 9).



A idade dos discentes varia de 18 a 53 anos: 13% tem de 18 a 21 anos; 64% tem de 22 a 30 anos; 21% está acima dos 31 anos e 2% não respondeu (Gráfico 5).





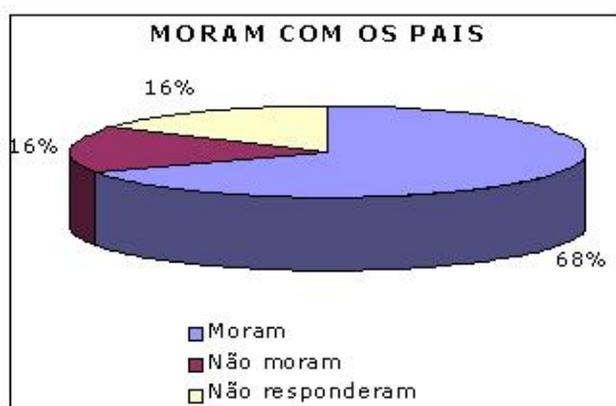
III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Em relação ao início da escolarização, 27% começou a estudar entre 3 e 7 anos; 31% entre os 8 aos 11; 32% entrou na escola entre os 12 e 20; 8% começou após os 21 anos e 8% não soube responder (Gráfico 6).



68% dos educandos mora com os pais; 16% mora com outras pessoas e 16% não respondeu (Gráfico 7).

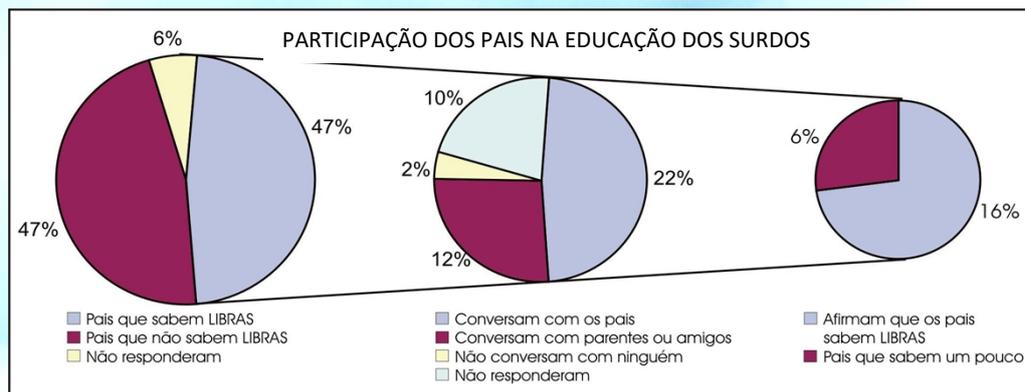


Apesar de inicialmente 47% afirmar que os pais sabem LIBRAS, quando perguntado sobre com quem costuma conversar em casa e se essa pessoa conhece LIBRAS, apenas 25% afirmou que costuma conversar com os pais e deste, somente 18% disse que os pais sabem LIBRAS. Ainda sobre a mesma pergunta, 37% costuma conversar com irmão, amigos ou parentes, 10% afirma que em casa não costuma conversar com ninguém e 18% não soube responder (Gráfico 8).

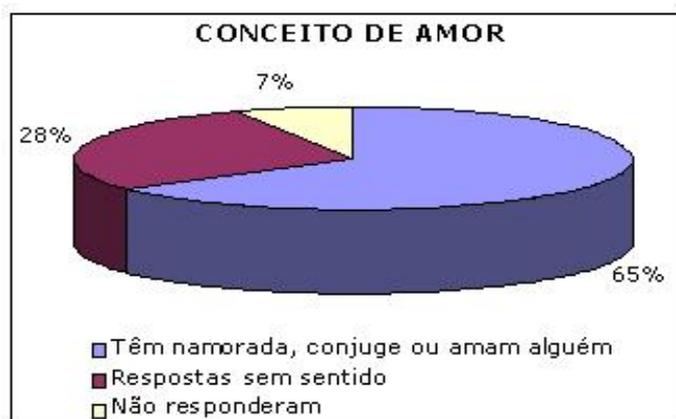


III CONEDU

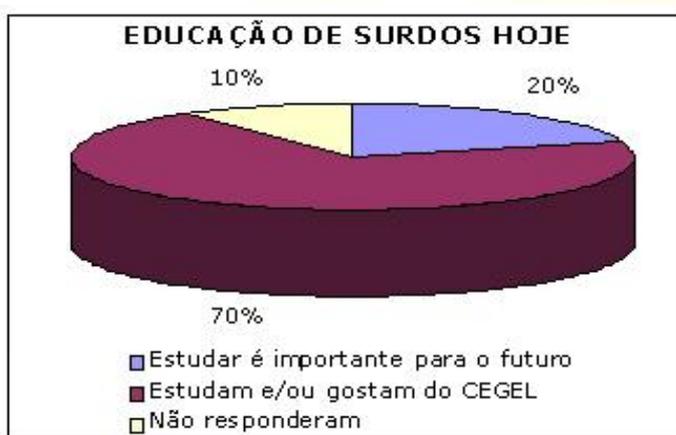
CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O



Quando questionados sobre o que é o Amor, na sua concepção particular, 100% não respondeu satisfatoriamente à pergunta; 65% respondeu que tinha namorado, cônjuge e/ou que amavam alguém; 28% deu respostas sem nenhum sentido ou ligados com outra pergunta e os demais 7% não respondeu nada (Gráfico 9).



Quando solicitados a dar uma opinião sobre a Educação de Surdos, todos eles não responderam de acordo com a pergunta: 20% afirmou que estudar é importante; 70% disse que estudava e /ou gostava do CEGEL e 10% não soube e/ou não respondeu (Gráfico 10).





Sendo desafiados a elaborar um conceito acerca do que é geografia, 100% deles não respondeu satisfatoriamente, associando o significado dessa palavra aos elementos da paisagem natural como um rio, uma montanha (Gráfico 11).



3.3 O surdo e a abordagem geográfica

No que se refere ao aprendizado de Geografia por parte do aluno surdo, é comum surgirem questionamentos sobre sua cognição, abstração e formação de conceitos, já que as terminologias e os métodos utilizados tornam-se confusos, uma vez que esta ciência é considerada mnemônica.

Ao pensar no ensino da Geografia, deve-se compreender, que enquanto ciência tem ampla dimensão fora da sala de aula e que está presente no cotidiano dos alunos, surdos ou ouvintes. Conhecer a realidade é um processo de reconhecimento daquilo que existe no lugar, com as devidas explicações para o que acontece. A análise e compreensão da realidade buscam despertar no aluno o desenvolvimento do raciocínio crítico sobre o objeto de estudo da Geografia, o “espaço geográfico”, que é construído e reconstruído através das relações entre sociedade e natureza.

A concepção socioconstrutivista de ensino não exclui as formas mais convencionais de realizar o ensino da geografia, como as aulas expositivas e os trabalhos em grupo na sala de aula, já que o importante não é exatamente o tipo de procedimento utilizado, mas a garantia da possibilidade de atividade intelectual dos alunos. Para cumprir esse papel é importante que o professor considere o que os alunos pensam, desejam e conhecem considerando os conhecimentos e a experiência que esses alunos trazem do seu cotidiano para serem confrontados com o saber geográfico.

Esse processo é permitido pelo uso da linguagem, que, para os educandos surdos manifesta-se a partir de aspectos viso-espaciais. Nesse



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

sentido, como se dá o desenvolvimento do ensino e da aprendizagem dos alunos surdos, principalmente direcionado à apreensão de conceitos abstratos?

Na educação de surdos a LIBRAS é um recurso, uma habilidade operatória que foi e é adquirida pela prática. Vygotsky (1993) salienta a importância da mímica, que se entende como a Linguagem de Sinais, e da linguagem, propondo o uso de múltiplos recursos para a aprendizagem e escrita, indicando a necessidade de se dar atenção aos modos de coordenar essas várias experiências em cada momento singular do discente surdo.

Nesse momento, surge a necessidade do professor ou mediador, preferencialmente, conhecedor de LIBRAS. A função deste é dar segmento a trajetória educacional da criança, acompanhando seus progressos, auxiliando nas dificuldades, desenvolvendo meios para que a criança possa desenvolver-se em toda sua potencialidade.

Dessa forma, a observação é uma estratégia satisfatória na aprendizagem da Geografia, haja vista que está ligada a funções psíquicas de um plano mais sensorial. A observação é fundamental para produzir motivações, com base na problematização do real observado e, conseqüentemente, possibilita a construção do conhecimento.

Nessa conjuntura, os mecanismos perceptivos, segundo Almeida (2001), são considerados básicos e se trata de três modalidades sensoriais: a visão, a audição e o tato. A percepção espacial, se relaciona à visão. É difícil dissociar a percepção auditiva da visual e das percepções sinestésicas. A audição é considerada muito importante na avaliação de direção e distância. Esse procedimento metodológico é compatível com a proposta de Vygotsky (1998) de Zona de Desenvolvimento Potencial e Proximal, que ressalta o estudo das representações sociais que os alunos têm sobre território, por exemplo, revela associações interessantes desse conceito com a ideia de posse, de propriedade.

Essas ideias já são elementos potencias para a compreensão do conceito de território para a Geografia, conceito que uma vez formado, ou ampliado e tornado consciente para os alunos, é útil para o entendimento, no limite, das diferentes territorialidades vividas pelas sociedades e as práticas geopolíticas mundiais atuais. Ou seja, os dados, as informações, os fatos geográficos que os professores veiculam nas aulas podem ser interpretados com mais autonomia pelos alunos quando eles têm um conjunto conceitual necessário para isso.

Faz-se necessária, neste momento, uma constatação: novas formas de ensino são mais difíceis de serem estabelecidas, quando novos conteúdos estão diretamente relacionados com a dinâmica da sociedade, seus problemas biopsicológicos e suas fases históricas. O que se poderia questionar seria a validade dessa necessidade de renovação.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

A aula de Geografia, para qualquer série, jamais pode se sustentar em uma descrição empírica do espaço, ao contrário, deve -se percorrer diferentes temas contextualizando-os com a realidade do aluno, com as relações socioculturais do espaço, com os elementos físicos e biológicos que dele fazem parte, bem como suas múltiplas inteligências. A concepção construtivista de aprendizagem representa, dessa maneira a teoria que se acredita ser essencial e mais adaptada ao tratar-se da Geografia.

4 CONCLUSÕES

De acordo com o estudo realizado, pode refletir que a surdez é a deficiência que mais dificulta o processo educacional do discente surdo, pois cria situações atípicas no processo de aquisição e desenvolvimento de linguagem refletindo, de maneira significativa no desenvolvimento social, psicológico e cognitivo.

Observa-se também que o modelo teórico de Vygotsky contribuiu para os estudos da constituição social do Surdo. Nessa perspectiva, que o desenvolvimento intelectual, cognitivo do surdo deve ser compreendido como um processo social e, sendo um processo social, o indivíduo surdo precisa estar precocemente em contato com a sua Língua Materna (L1), a LIBRAS.

Com as respostas obtidas de alunos e professores, pode-se perceber que os alunos do CEGEL-CEJOL, não apresentam um desenvolvimento esperado de alunos dessas séries e faixa etária, confirmando a importância do desenvolvimento cognitivo dos discentes nas séries iniciais.

Muito além da dimensão biológica e limite da surdez encarada como “deficiência auditiva”, “limitação fisiológica” ou “patologia”, que os bancos escolares edificam sob a égide da cientificidade, está a dimensão sócio, histórico e cultural, que a caracteriza como diferença construída historicamente e, portanto, geradora de identidades múltiplas e multifacetadas.

No que diz respeito à Geografia, o desenvolvimento do processo epistemológico sofre interferências de variáveis de ordem emocional. A curiosidade, o prazer e o interesse motivam a busca pelo saber; e isto é de fundamental relevância para o aluno surdo em sua abordagem geográfica, já que seu meio de comunicação é o visual-espacial.

Constata-se ainda que a ausência de um acesso prematuro à Língua de Sinais, da participação da família, da interação com os pais e de uma escolarização precoce, realmente comprometem, não apenas a interação do indivíduo



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

surdo com o mundo, mas, certamente, o desenvolvimento de seus processos cognitivos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Rosângela Doin de. **Do desenho ao mapa: iniciação cartográfica na escola**. São Paulo: Contexto, 2001.

ANTUNES, Celso. **A sala de aula de geografia e história: inteligências múltiplas, aprendizagem significativa e competências no dia-a-dia**. Campinas, SP: Papirus, 2001.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Deficiência auditiva**. Organizado por Guisepe Rinaldi et al. – Brasília; SEESP, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Diretrizes educacionais sobre estimulação precoce: o portador de necessidades especiais**. Brasília, 1995.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Subsídios para organização e funcionamento de serviços em educação especial**. Brasília, 1995.

CLAURE, Mônica. **A identificação da deficiência auditiva: em busca do diagnóstico preciso**. Espaço: informativo técnico-científico da INES. n° 10, Rio de Janeiro, 1998.

CORRÊA, Jordelina Montalvão. **Surdez e os fatores que compõe o método áudio + visual de linguagem oral para crianças com perda auditiva**. São Paulo: Atheneu, 1999

FERNANDES, E. **Problemas lingüísticos e cognitivos do surdo**. Rio de Janeiro: Agir, 1990

GÓES, Maria Cecília Rafael de. **Linguagem, surdez e educação**. Campinas: Autores Associados, 1996.

GOLDFELD, Márcia. **A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sóciointeracionista**. São Paulo: Plexus, 1997.

LACERDA, Cristina B. Feitosa de. A prática pedagógica mediada (também) pela língua de sinais: trabalhando com sujeitos surdos. São Paulo, SP, vol. 20, n. 50, p. 70-83, 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br>> Acesso em: 28 abr. 2003.

QUADROS, Ronice Müller. **Educação de surdos: aquisição e linguagem**. Porto Alegre: Arte Moderna, 1997.

RANGE, B. (Org). **Psicoterapia comportamental e cognitiva: pesquisa, aplicação e problemas**. Campinas, SP: Psy, 1995.

RAPPAPORT, Clara Regina; FIORI, Wagner Rocha; DAVIS, Cláudia. **Psicologia do Desenvolvimento**. São Paulo: EPU, 1981.

SOCIEDADE BENEFICENTE SÃO CAMILO. **O deficiente no Brasil: aspectos multidisciplinares da criança atípica**.

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

TAILLE, Yves de La; OLIVEIRA, Marta Kohl de; DANTAS, Heloysa. **Piaget, Vygotsky, Wallon**: teorias psicogenéticas em discussão. 11 ed. São Paulo: Summus Editorial, 1992.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. **Pensamento e linguagem**; tradução de Jefferson Luiz Camargo; revisão técnica José Cipolla Neto. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____. **Formação social da mente**; tradução de José Cipolla Neto, Luís Silveira Menna Barreto e Solange Castro Afeche e outros; organizadores Michael Cole et al.. 6 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.